

JORNAL DO LEITOR

PARA PARTICIPAR: ENVIE SEU TEXTO PARA JORNALDOLEITOR@OPOVO.COM.BR OU LIGUE PARA 3255 6088

Os textos deverão ter no máximo 1850 caracteres (com espaços) – com nome completo, endereço, telefone, e RG do remetente, que se responsabilizará pelo conteúdo. Os textos poderão ser resumidos, e **O POVO** se reserva no direito de selecioná-los para publicação.

O brilho nos olhos e as sementes que deixamos

Ana Cristina Cunha da Silva
cris0708@gmail.com

Para mim, ser educadora nunca significou apenas transmitir conhecimentos ou ensinar os conteúdos de uma disciplina. Ser professora é uma escolha que se confunde com a minha própria história de vida. Antes mesmo de compreender inteiramente o significado dessa profissão, eu já observava o brilho nos olhos de minha mãe quando estava diante de seus alunos e, talvez sem perceber, começava ali a imaginar o caminho que um dia também seria o meu.

Ao longo dos anos, descobri que educar é, sobretudo, abrir possibilidades. É permitir que alguém enxergue um mundo novo. Talvez, por isso, uma das maiores alegrias que a profissão já me proporcionou seja reencontrar antigos alunos e perceber que seguiram adiante, conquistaram seus espaços e, em muitos casos, tornaram-se também professores.

A docência também me ensinou que o professor nunca está pronto. Ensinei

enquanto estudava, estudei enquanto ensinava e, em diferentes momentos da minha trajetória, precisei reaprender a ensinar. Cada turma, cada instituição e cada contexto cultural me obrigaram a rever certezas, buscar novos conhecimentos e compreender que a educação acontece verdadeiramente quando estamos dispostos não apenas a ensinar, mas também a sermos transformados pelo encontro com o outro.

Hoje compreendo que ser educadora é também plantar sem necessariamente saber quando, onde ou de que maneira aquilo que plantamos irá florescer. Alguns resultados aparecem rapidamente; outros levam anos. Alguns, talvez, nunca cheguem ao nosso conhecimento. Mas permanecem nas pessoas, nas instituições, nos projetos e nas ideias que ajudamos a construir.

Se existe algo que minha trajetória me ensinou é que educar é deixar sementes. E, talvez, o maior privilégio de ser professora seja, de vez em quando, ter a oportunidade de encontrar novamente pelo caminho uma dessas sementes e descobrir que ela floresceu.

Eu deixo e recebo tanto

Lívia Mesquita
livia.mesquita@ufc.br

Aquela aluna, diante da reprovação no semestre, chora: “Não posso ser reprovada, professora, este curso é a minha salvação contra o escárnio que recebo em casa, onde sou burra, feia, e faço tudo errado. Aqui é o único lugar onde posso provar para mim mesma o meu valor; se a senhora me reprova, confirma que sou mesmo tudo isso. Eu sou isso, professora?”. Eu, mulher antes de qualquer título, que já fui escarnecida, burra, feia, e que já fiz tudo errado, onde me coloco nesta cena? Que tipo de existência posso ajudar a produzir diante do que um dia foi meu espelho no pranto daquela mulher? Aquele aluno excelente, de alto aproveitamento, que vejo respirar ofegante, apresentando justificativas exasperadas, distraído, com grande número de faltas. É ele que desmaia em plena sala de aula, golpeado pelo pânico, pela dor da existência, pela perda do sentido. Eu, assujeitada por normas, formulários

e avaliações, como ser desdobrável?

Se ainda não temos um manual de instruções para o infinito rol de tudo o que ordena o acontecimento, é certo que desaprender oito horas por dia, poeta criança, haverá de ensinar os princípios. Raro é enxergar que a matéria de que somos constituídos resulta do fluxo daquilo que damos e recebemos: ninguém atravessa uma sala de aula sem deixar alguma coisa de si e sem carregar consigo alguma coisa do outro. Se ainda teamos no escuro entre a frieza das classificações e a urgência do sofrimento, é porque a educação não cabe em métricas; ela é, antes de tudo, o inevitável encontro de si e do outro. É justamente aí, no espaço que escapa às ementas e aos critérios de rendimento, que reside a dimensão mais radical da docência: não salvar, não absolver, não suspender toda norma, mas impedir que ela se converta em uma sentença sobre a existência. À pergunta “eu sou isso, professora?”, nossa melhor resposta é jamais encerrar a pergunta.

O POVO EDUCAÇÃO

ESTE ESPAÇO É DESTINADO AOS TEXTOS DOS ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS, PARTICULARES E REPÓRTERES CUCA PARTICIPANTES DO PROJETO CORRESPONDENTE O POVO

Ser professora e seus desafios

Isathai Morena
Professora da rede municipal de Fortaleza, escritora e contadora de histórias

Eu nunca sonhei em ser professora. Aliás, por ser filha de professores, eu repudiava a profissão. Queria ser jornalista, mais especificamente, redatora. Mas fui mordida pelo bichinho da Educação ainda na graduação em Letras.

Ouvi colegas de trabalho dizerem que a escola era sua “cachaça”, comparando a sala de aula a um vício. Já para mim, ela tinha uma magia que fazia com que esquecêssemos todos os nossos problemas ao adentrá-la. Lá não existe mesmice. Você pode ministrar o mesmo conteúdo com a mesma metodologia para duas turmas diferentes e ter experiências totalmente distintas. O planejamento das aulas e materiais didáticos era uma diversão para mim. Ficava pensando no que eu iria aprontar da próxima vez.

Infelizmente, esse cenário vem mudando. As demandas cresceram e reduziram nosso tempo e cabeça para planejar. Alunos foram perdendo o interesse pelas aulas, professores passaram a ser desvalorizados por boa parte da população (como se chegou a tal ponto?).

Questionada sobre o motivo que me levou a ser professora, respondi: porque amo ver as pessoas aprendendo. Talvez esse seja o nosso maior desafio atualmente: o efetivo aprendizado dos estudantes diante de um mundo tecnológico, que parece cada vez mais atrativo e uma escola que parece cada vez mais chata.

O papel dos professores é de suma importância nesse processo de estimular alunos a pensar por conta própria, questionar, analisar, interpretar — e não obter respostas prontas em um aplicativo —, a usar seus sentimentos para criar e não serem engolidos pelas próprias emoções. Assim, ajudar a construir um mundo melhor.

Acho que não estou romantizando, isso é uma constatação. A profissão que forma todas as outras deve ter seu real valor atestado por todos, pelo bem comum.



Além da sala de aula

Amauri Holanda de Souza
Professor efetivo da Prefeitura da Municipal de Fortaleza, sociólogo e teólogo

Ser educador é aceitar o compromisso de transformar vidas por meio do conhecimento. É compreender que ensinar vai muito além de transmitir conteúdos: é despertar consciências, cultivar valores e acreditar no potencial de cada pessoa.

Sou professor desde 1999 e sinto uma imensa alegria em estar, todos os dias, ensinando e aprendendo com a experiência docente. Cada sala de aula representa um espaço de troca, onde conhecimentos são compartilhados e novas perspectivas são construídas. Saber que minha trajetória contribui para o crescimento intelectual e humano de muitos aprendentes é uma das maiores realizações da minha vida profissional.

Ao longo dos anos, os desafios revelaram que educar exige sensibilidade, dedicação e capacidade de compreender diferentes

realidades. O professor precisa enxergar o estudante como um ser humano com sonhos, dificuldades e possibilidades.

Aprendi que o verdadeiro educador também se transforma enquanto ensina. Cada aluno deixa marcas, traz novos aprendizados e nos convida a renovar nossa prática com um novo olhar, ampliando nossa compreensão sobre o processo educativo e sobre a própria vida.

Ser professor é plantar sementes de conhecimento, ética e esperança. É acreditar que a educação possui força para construir uma sociedade mais consciente e justa. O maior legado de um educador está na inspiração deixada para que cada aprendente reconheça seu valor e possa contribuir para um mundo melhor. Confirmo esse sentimento toda vez que encontro ex-alunos que, além dos muros da escola, guardam com carinho os ensinamentos e as marcas deixadas por essa relação construída entre educador e aprendente.

Memorial de uma professora

Vera Rodrigues
Antropóloga, professora na Unilab – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira

O meu memorial é uma autobiografia de uma professora universitária que por formação e paixão dedica-se ao ensino, pesquisa e extensão na área de antropologia das populações afro-brasileiras. Essa escolha afetiva, teórica e política emergiu inicialmente no âmbito familiar, com pais, trabalhadores braçais, que não tiveram acesso à educação formal, mas fizeram dela a única herança que poderiam deixar para suas filhas. Mais tarde, essa herança foi se tornando real quando me tornei estudante de um curso preparatório para ingresso na universidade pública. Devo dizer que não era um curso qualquer, mas uma “alternativa de educação solidária” voltada para a população negra e periférica em tempos que ainda não se falava em ações afirmativas, mas já haviam educadores que ensinavam ser o acesso à educação pública um direito e uma reparação histórica ao povo negro. Um desses educadores, homem negro, idoso, me ensinou a primeira lição para que eu fosse uma boa professora: “Não faça o pacto da mediocridade. Não finja que ensina, enquanto alguém finge que aprende”. Lição aprendida.

Ensinar requer compromisso com o que se faz, por isso, a cada novo semestre acadêmico, renovo com os estudantes o nosso acordo bilateral: compromisso, gentileza e escuta. A segunda lição veio do aprendizado resultante do convívio e trabalho como pesquisadora em comunidades quilombolas. Nesses territórios, me foi ensinado alguns dos temas que hoje diálogo em sala de aula: políticas públicas, desigualdades estruturais, racismo ambiental, identidades e trajetórias negras, entre outras perspectivas de ver, ser e estar no mundo. Afinal, foi numa dessas comunidades quilombolas que uma senhora de olhar profundo e sábio me disse: “Acho bonito ver nego com caneta na mão. Sempre vi só enxada”. Essas memórias são o chão do vivido, a concretude das teorias que a educação formal me ensinou e que constituem a minha trajetória coletiva de vida como professora e pesquisadora em uma universidade pública no Ceará.